

Ano 5, Vol IX, número 2, 2012, Jul-Dez, pág. 190-216

**TESSITURAS PARA A COMPRESSÃO DA CAPTURA DO SUJEITO  
PELOS SIGNOS DA MODERNIDADE NO CONTEXTO DE  
TRABALHO CONTEMPORANEO**

Soraya Rodrigues Martins<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo<sup>2</sup> procura compreender, a luz de autores como Freud, Baudelaire, Hobsbawm e Berman, os processos de subjetivação do homem contemporâneo e o contexto em que os trabalhadores da atualidade estão inseridos. A partir destes autores e de acontecimentos que marcaram as mudanças do século XX, este artigo é composto de tessituras que auxiliam a compreensão sobre a captura do sujeito pelos signos da modernidade e pelos ideais de produção no contexto de trabalho. É composto de marcas do tempo da criação do homem comum, homem ou mulher a viver em seu cotidiano as consequências dos paradoxos da modernidade.

**Palavras Chave:** Trabalho, modernidade, subjetivação.

---

<sup>1</sup> Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Professora da UNOCHAPECO Universidade Comunitária da região de Chapecó. E-mail : sorayarm@uol.com.br

<sup>2</sup> Este artigo refere-se ao material da dissertação de mestrado da autora intitulada “A Histeria e os DORTs: expressões do sofrimento psíquico de uma época.” Defendida junto ao . Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (Martins, 2002).

## CONTEXTURE TO HELP THE UNDERSTANDING OF THE CAPTURE OF THE SUBJECT BY THE SIGNS OF MODERNITY IN THE CONTEXT OF CONTEMPORARY WORK

**ABSTRACT:** This paper attempts to the understanding of the subjective processes of contemporary man and the context in which today's workers are embedded at the light of authors such as Freud, Baudelaire, Hobsbawm and Berman. From these authors and events that marked changes of the twentieth century, this article is composed of contexture that help the understanding of the capture the subject by the signs of modernity and by the ideals of production in contemporary work. It is composed of marks of the time of creation of the ordinary man, man or woman who faces in his/her daily lives the consequences of the paradoxes of modernity.

**Keywords:** Work. Modernity. Subjective processes.

### Introdução

As transformações características do mundo moderno, com seus valores de progresso e mudança, atingiram os destinos da vida em comunidade, dos laços sociais, e da vida privada do homem contemporâneo, de forma surpreendente e assustadora, tornando o trabalho, entre outras, uma das questões mais complexas da atualidade. Essa situação fica evidenciada, a priori, pelo aumento vertiginoso das doenças ocupacionais a partir de 1950. Atualmente, segundo Antunes (2000), fala-se da extinção do trabalho-vivo, isto é, realizado por homens, em detrimento do trabalho-morto, aquele realizado por máquinas. Embora os avanços tecnológico e científico não tenham conseguido extinguir o trabalho-vivo, o homem moderno, cada vez mais, se vê tratado como máquina. Antunes afirma que esse contexto denota uma enorme precarização do trabalho, tornando os seus aspectos subjetivos cada vez mais distanciados de uma vida autodeterminada e autêntica.

Para compreender o contexto em que os trabalhadores da atualidade estão inseridos, é necessário, portanto, compreender os acontecimentos que

marcaram as mudanças do século XX: tempo da criação do homem comum, homem ou mulher a viver em seu cotidiano as consequências dos paradoxos do modelo de mundo sonhado, pelo Iluminismo, para a modernidade.

Na sociedade moderna, pessoas da mesma idade, à parte sua origem e história pessoal ou cultural, em geral experienciaram, de diferentes formas, os mesmos acontecimentos públicos cruciais, que acabaram por constituir marcas em suas vidas pessoais, tecendo as redes de suas biografias, privada e pública.

### ***Um olhar sob velhos mapas***

O historiador Hobsbawm (1995) analisa o século XX, “um século breve e extremado”, marcado primeiro por um grande período de guerras e catástrofes (1914-1948) e outro, um período de Ouro (1949-1973), seguido por décadas de crises e incertezas. O olhar do historiador atento ao seu tempo assinala os fatos importantes e suas repercussões, realiza articulações que perpassam a primeira era dos quarenta anos de guerras mundiais, crises econômicas e revoluções, até as guerras étnicas e separatistas da segunda metade do século, aliando, no mesmo contexto histórico, a precariedade dos sistemas políticos (transnacionais) e as desigualdades (econômico-sociais) contemporâneas.

No período das duas grandes guerras mundiais (1914/18-1939/45) foram mortos mais seres humanos do que em qualquer outra época. O mundo então passou a ser explicado através dos opostos binários (excludentes) do “capitalismo” crescente e do “socialismo” – este que, com base no sistema político e econômico da URSS, apresentava-se como uma alternativa histórica para o capitalismo. Este período foi repleto de crises sociais e econômicas, além de muito sofrimento humano, fatos que constituíram a mola propulsora, pela propagação extremada, do ideal capitalista burguês já incipiente no século XIX, sementes plantadas pela burguesia europeia e seus anseios de nobreza.

No pedaço do mundo dominado pelo capitalismo, o engenheiro e economista norte americano Frederic W. Taylor<sup>3</sup>, com o objetivo de aumentar a produção de bens de consumo criou, no final do século XIX, uma nova fórmula de controle do trabalho, denominada “gerência científica”. Segundo essa fórmula, as tarefas seriam executadas dentro de regras e tempo determinados, previstos dentro de uma visão de funcionamento global do sistema produtivo, modelo onde as diferenças individuais e as singularidades são eliminadas, em nome de um padrão. O taylorismo atingiu seu ápice de funcionamento nos EUA e Europa durante os períodos das duas grandes guerras, disseminando-se posteriormente para os demais países de desenvolvimento capitalista.

Os anos dourados do milagre econômico, nas décadas de 50, 60, até 1973, são designados por Hobsbawm (1995), como “Era do Ouro”, período em que se observou a estabilização de um capitalismo voraz, criando-se a partir dele uma economia mundial historicamente inédita, cada vez mais integrada e transnacional. Durante essa época ocorreu um extraordinário crescimento econômico, desenvolvimento tecnológico, científico e profundas transformações socioculturais. O método de produção em massa, com produtos padronizados pela economia da força de trabalho, caracterizado pelo modelo fordista<sup>4</sup> de desenvolvimento econômico, foi um dos responsáveis pelo intenso dinamismo do capitalismo.

Designa-se como fordismo a produção semi-automatizada, onde o trabalho humano é extremamente fragmentado, simplificado, sendo o seu ritmo

---

<sup>3</sup> Taylor (1856-1915) criou um sistema de exploração industrial, baseado nos princípios da organização racional do trabalho, com o qual se procura alcançar o máximo de rendimento com o mínimo de tempo e atividades. Esse sistema de administração, denominado taylorismo, propagou-se no mundo capitalista, provocando críticas de variados setores da sociedade.

<sup>4</sup> Como Taylor, Ford também estava preocupado em alcançar o máximo de rendimento com o mínimo de tempo, leva às últimas consequências a separação entre planejamento e execução, a fragmentação das tarefas e a consequente desqualificação, perdendo-se facilmente o sentido do trabalho. O modelo fordista; ou taylorista-fordista ou modelo americano de hegemonização do padrão industrial, tecnológico, financeiro, agrícola e militar dos Estados Unidos que se propagou após a Segunda Guerra Mundial garantido o crescimento do capitalismo na sua fase de ouro no século XX., começou a dar sinais de esgotamento a partir da segunda metade dos anos 1960.

totalmente definido pelas máquinas de produção (Pires, 1998). Junto ao grande desenvolvimento do capitalismo, formaram-se dicotomias políticas, ideológicas, responsáveis por abismos humanos cada vez maiores – de um lado mendigos sem teto, fome, desemprego, crianças abandonadas, de outro, abundância e luxo estonteante – em meio a um Estado que foi se enfraquecendo e se endividando, acobertado pelos interesses de diversos regimes políticos, pela Guerra Fria<sup>5</sup> e pela promessa de que todos poderiam usufruir os benefícios do progresso.

Esse período dourado, segundo Hobsbawm, foi seguido de décadas de crises e incertezas que foram culminando com o desmoronamento final do que foi construído ao longo século XIX. A presente precariedade dos sistemas institucionais, que deveriam prevenir o barbarismo contemporâneo, ao contrário desenvolveu o espaço da brutalização política, da irresponsabilidade econômica com relação aos problemas sociais e as tão conhecidas desigualdades contemporâneas. “*As instituições humanas coletivas foram perdendo o controle das consequências coletivas da ação humana*” (Hobsbawm, 1995:543).

Freud, em sua obra de 1929, “O mal-estar da civilização” (1980; V. XXI), afirma que o desenvolvimento do indivíduo parece resultar da interação do impulso que busca satisfação (ego-ísta) com o impulso de união com os outros, seus pares na comunidade. O Homem é uma criatura cujos impulsos incluem, em grande parte, a agressividade, configurando uma situação que perturba as suas relações com os outros homens, já que o obriga a um grande dispêndio de energia para manter um processo civilizatório que, exatamente por este motivo, estaria perpetuamente ameaçado de desintegração. A cultura e os laços sociais são responsáveis pela construção da civilização, promovendo o domínio ou o controle da perturbação provocada pela pulsão de agressão e seus efeitos na vida comunitária. Para Freud, uma questão crucial para a espécie humana consiste na capacidade da cultura de coibir esses impulsos que, por sua natureza, impossibilitariam a vida civilizada entre os homens.

---

<sup>5</sup> **Guerra Fria:** estado de tensão, predominante no século XX, entre o bloco capitalista, liderado pelos EUA, e o bloco socialista, liderado pela U.R.S.S., que buscavam suplantar-se mutuamente por meio de qualquer ato que não implicasse em confronto direto (guerras).

Ignorando o passado recente do período catastrófico das duas grandes guerras, bem como as considerações de Freud a respeito do processo civilizatório, a utopia neoliberal, defendendo a ideia de que cada indivíduo deve buscar sua satisfação sem restrições, não garantiu, em sua ideologia e em sua prática, uma vida saudável em sociedade, muito menos trouxe a felicidade prometida da satisfação egoísta. Ao contrário, promoveu um novo tipo de desequilíbrio, tipicamente moderno, entre a humanidade, os recursos sustentáveis que ela consome e os efeitos de suas atividades sobre o ambiente (Sundstrom, 1996). A economia mundial tornou-se uma máquina cada vez mais poderosa, incontrolável e insaciável, verdadeira devoradora dos seres humanos que vivem sob o ideário capitalista do neoliberalismo.

O colapso do sistema socialista soviético nos anos 1980, culminando com a queda do muro de Berlim, acabou revelando o mal estar do resto do mundo, escancarando uma era de crise social e moral, uma crise de crenças e princípios sobre os quais se apoiava a sociedade moderna, refletida explicitamente na vida das pessoas. Por um lado, sucumbia a URSS, o mais paradigmático representante do Estado-nação, responsável por leis que organizavam o social e protegiam seus cidadãos. De outro, a pretensão de benefícios iguais para a humanidade, assentada nas enormes conquistas de um progresso material apoiado na ciência tecnológica, fracassava, evidenciando a incapacidade dos demais Estados-nação de manterem sua maior função: a manutenção da lei e da ordem pública.

O dilema do cidadão comum é o dilema de uma época em que o governo – que deveria ser “do povo e para o povo” –, não pode, em qualquer sentido operacional, ser “pelo povo”. A crise moral atinge também as estruturas históricas das relações humanas que a sociedade moderna herdou do século XIX, e que vinham, mesmo que precariamente, possibilitando o seu funcionamento.

Como comparar o mundo do final do breve século XX ao mundo do final do longo século XIX? Hobsbawm (1995) afirma que não se pode compará-los em termos de contabilidade histórica de “mais” e “menos”, pois se trata de um mundo qualitativamente diferente, em pelo menos três aspectos:

- O mundo moderno deixou para trás o modelo egocêntrico de poder, riqueza, intelecto e o modelo de “civilização ocidental” dos países europeus.
- O mundo transformou-se em uma unidade operacional única, constituindo, com a inimaginável aceleração das comunicações e transportes, a “Aldeia Global” prevista por McLuhan (1962). Além de atividades econômicas e técnico-científicas, transformaram-se importantes aspectos da vida privada e dos laços sociais. Dentro do contexto histórico atual há uma tensão permanente entre o processo de globalização cada vez mais acelerado e a incapacidade das instituições públicas, e do comportamento coletivo em solucionar os abismos sociais e econômicos formados nesse processo.
- A desintegração de antigos padrões de relacionamento humano, o desenraizamento e a quebra entre passado e presente, e, em alguns países ocidentais dentro do sistema capitalista, a predominância de um individualismo antissocial, formando um conjunto de indivíduos egocentros, sem outra conexão entre si, a não ser a busca da própria satisfação – o prazer, o lucro, ou, seja lá o que for.

No final do século XX, sob o impacto da extraordinária explosão econômica da era de Ouro, e com suas conseqüentes mudanças sociais e culturais:

(...) pela primeira vez, tornou-se possível ver como pode ser um mundo em que o passado, inclusive o passado no presente, perdeu seu papel, em que os velhos mapas e cartas que guiavam os seres humanos pela vida individual e coletiva não mais representam a paisagem na qual nos movemos, o mar em que navegamos. Em que não sabemos aonde nos leva, ou mesmo aonde deve levar-nos, nossa viagem (Hobsbawm, 1995:25).

Na tentativa de recuperar a memória do passado, pelos velhos mapas que guiaram e influenciaram esses acontecimentos históricos e culturais, ajudando a tecer as subjetividades de uma época, este estudo aborda como o desabrochar da modernidade pode ser percebido por autores do século XIX. Com o foco de luz projetado sobre o passado, nos momentos primordiais do que veio a constituir a vida moderna, a ideia é propiciar algum sentido novo, a posteriori, que possa dar luz à compreensão psicodinâmica e ao lugar histórico-

cultural de um dos sintomas do “breve século XX”, tais como as patologias relacionadas ao trabalho, oriundas do contexto das relações de produção criadas pelo mundo moderno.

### ***Cenas primordiais da vida na modernidade***

A vida moderna traz com ela um tipo de beleza fascinante, caracterizando-se como um lugar e um tempo, invariavelmente refletidos nas telas do cinema, cujas cenas são compostas por movimento frenético, informações em turbilhão, burburinho contínuo de sons humanos e ruídos *maquínicos*, imagens de grandeza, luzes de refletor, mudanças aceleradas, produzindo exigências cotidianas, às pessoas, que vão desde a *performance* social a ser cumprida no dia, até a espinhosa tarefa das contas a pagar. Como um dos mais significativos aspectos deste cenário típico da modernidade propaga-se, entre os indivíduos, um entorpecimento da própria consciência, que se manifesta relativamente a fatos que são cruciais para a correta apreensão da dinâmica de suas subjetividades. Um desses fatos é a fusão recorrente e diária, das (suas) perspectivas material e pessoal da condição humana moderna, descrita por Berman (1992), assinalando pontualmente a interdependência entre o indivíduo e o seu ambiente.<sup>6</sup>

Na tentativa de compreender aspectos pontuais da vida moderna, uma das referências de sustentação deste estudo realiza-se através das ideias de Marshall Berman<sup>7</sup>. Por seus escritos, Berman tem sido reconhecido como um humanista atento, sensível às possibilidades, contradições e sutilezas que compõem o estatuto da modernidade. Ao refazer os passos inaugurados há mais de cento e cinquenta anos por Marx, procura as resignificações possíveis para a sua análise das “cenas primordiais da vida moderna”.

---

<sup>6</sup> Berman (1992) distingue duas grandes vertentes de compreensão da vida moderna: a **modernização** (a perspectiva material) e o **modernismo ou modernidade** (perspectiva espiritual).

<sup>7</sup> Marshall Berman nasceu em Nova York. Desde o final da década de 1960 é professor de teoria política e urbanismo na City University of New York

“(…) movendo-se em círculos, avançando em espirais, dando voltas em torno de si mesmo, procurando incessantemente eixos para suas rotações, Marx manteve seu pensamento e sua obra tão abertos, e portanto, tão elásticos e duradouros, quanto o próprio sistema capitalista. É por isso que ainda estamos apenas começando a explorar as profundezas do pensamento de Marx, é por isso que o que ele diz nos parece hoje mais atual do que nunca, e é por isso que ele ainda estará dançando pela Broadway quando todos já estivermos mortos” (2001:51).

A preocupação do autor é entender como o pensamento social moderno, assim como a arte moderna é, ao mesmo tempo, uma expressão de uma solidão pessoal e de uma tentativa de superar essa solidão. A chave dessa compreensão é o que ele procura em suas inumeráveis releituras de Marx: seu maior mérito, segundo Berman, é que ensina a criar laços genuínos entre os homens como forma de estabelecer elos com a vida.

Para mostrar alguns dos modos trágicos e estranhos, segundo os quais o mundo da modernidade se organiza, esse autor monta cenas da vida nas cidades do século XX. Mas, para que essas cenas possam ser visualizadas com força por seus leitores, ele usa como recurso obras datadas da literatura moderna: traçando as relações entre o texto e o contexto de uma época. Berman (1992) possibilita uma forma diferenciada de compreensão da vida das pessoas, através da história das cidades modernas. Esse autor ocupa-se dos livros de vários escritores e pensadores: Goethe, Hegel e Marx, Stendhal e Baudelaire, Carlyle e Dickens, Herzen e Dostoiévski.

Baudelaire “(…) fez mais do que ninguém, no século XIX, para dotar seus contemporâneos de uma consciência de si mesmos enquanto modernos” (Berman, 1992:129). O poeta francês, na verdade, é universalmente reconhecido pela aguçada sensibilidade em relação aos dramas do seu tempo, a transição entres os séculos XIX e XX. Aceitando o homem moderno em sua plenitude, com suas fraquezas, suas aspirações e seu desespero, Baudelaire revela, em suas cenas, a alma humana escondida no universo tantas vezes trágico das cidades. Sendo as cenas de Baudelaire a provocarem repercussão sobre a visualização das tessituras na qual acontecem a captura do sujeito pelos ideais de produção no trabalho contemporâneo, a partir de fragmentos dos

textos do poeta francês, analisados por Berman, que abordamos neste artigo as relações humanas na modernidade.

Na passagem do século XIX para o século XX, simultaneamente aos acontecimentos externos — porque, como se sabe, a modernidade abriu as ruas das cidades indiscriminadamente a toda a população –, nascia um outro tipo de mudança - sofrida, silenciosa, inconsciente, no interior das casas que, sem recorrer à linguagem ou à política, se expressava através de sintomas no corpo das pessoas. Tais sintomas acabaram por adquirir valor epidêmico, de cunho social, questionando enraizados saberes e normas, atraindo a atenção de um jovem pesquisador, chamado Sigmund Freud.

### **Cena do deslocamento do desejo para os signos da modernidade: A modernização sem lágrimas.**

Berman (1992), ao discutir o papel decisivo que a cidade desempenha no drama subjetivo das pessoas que vivem na época moderna, quando reflete sobre a fusão entre o “espiritual” e o “material”, utiliza para a sua análise, em um primeiro momento, o ensaio de Baudelaire intitulado “O pintor da vida moderna” (poemas de 1850 a 1860). Nesse ensaio, Baudelaire mostra as próprias contradições e as contradições no que observa em sua época: as fraquezas, as aspirações e o desespero do homem moderno, em seu nascimento. O poeta mostra-se, por exemplo, fascinado com o poder persuasivo de um desfile militar, hipnotizado por seus equipamentos reluzentes, coloridos.

**Cena 1** :“(...) equipagens luzidas, música, olhares audaciosos, determinados, bigodes pesados e solenes – ele absorve tudo isso, em desordem, e em poucos momentos o “poema” daí resultante poderá ser composto. Veja como sua alma se aviva com a alma desse regimento, marchando como um só animal, imagem orgulhosa de alegria e obediência (Painter of modern life; apud Berman, 1992).

Esta cena, embora não sendo uma das escolhidas na análise de Berman como uma das “primordiais da vida moderna”, certamente terá sido vista inúmeras vezes por milhares, milhões de pessoas durante o século XX e, ainda hoje, podemos observar o seu princípio em outros contextos. Operários em linhas de produção de uma fábrica, funcionários caixas de uma instituição

bancária, e na rua, motoristas em fila no tráfego dentro de seus carros reluzentes, imagens essas reproduzidas à exaustão nas telas dos televisores ou dos cinemas. A essas cenas é que Berman intitula de “modernização sem lágrimas”: elas caracterizam-se pela ausência de conflitos, manifestando uma negação quase absoluta das diferenças. São cenas que se desenrolam dentro de uma concepção de “padrão universal do homem”, o mesmo padrão que acabou levando o século XX a ser caracterizado como a época da massificação, da alienação. A sensível agudeza de Baudelaire antecipou com maestria o efeito desse movimento no indivíduo, que, influenciado pelo fascínio do progresso, desloca o seu desejo para os signos da modernidade.

Baudelaire por sua vez destaca a força do ideal burguês de criar, transformar, produzir para concretizar uma ideia de “futuro melhor” em todas as suas formas – política, industrial e cultural –; a promessa de posse do novo, da moda, o fascínio pelo belo, o sonho de completude “(...) veja como sua alma se aviva com a alma desse regimento, marchando como um só animal, imagem orgulhosa de alegria e obediência”. O poeta, na sua sensibilidade aos movimentos da rua, percebe, já no século XIX, a crescente *confusão entre a ordem material e a ordem espiritual*, que será largamente disseminada pela ideologia progressista da cultura moderna.

“Tome de qualquer bom francês, que lê seu jornal, no seu café, pergunte-se-lhe o que ele entende por progresso, e ele responderá que é o vapor, a eletricidade e a luz de gás, milagres desconhecidos dos romanos, testemunho incomunicável de nossa superioridade sobre os antigos. Tal é o grau de escuridão que se instalou nesse cérebro infeliz. Baudelaire” (“Sobre a ideia de progresso aplicada às Belas Artes” [1855]; apud Berman: 1992:135).

O fascínio<sup>8</sup> do *ter*, do consumir, do estar junto do poder emanado e subjetivado pelas máquinas (do material), em interdependência à articulação do desejo pessoal, é a imagem do cotidiano do homem moderno.

---

<sup>8</sup> **Fascínio:** domínio por encantamento (Aurélio, 1986); originário do mesmo radical da palavra *fascismo*.

## **Cena da cisão subjetiva: a família de olhos**

A cidade desempenha um papel decisivo no repertório das transformações a ocorrerem no curso da vida de cada um dos seus cidadãos. Baudelaire mostra em sua obra como a modernidade, simultaneamente, inspira e força a modernização da alma das pessoas. Os poemas “Spleen de Paris” são a expressão desse acontecimento, a proclamação de que a vida moderna exige uma nova linguagem.

(...) uma prosa poética, musical, mas sem ritmo e sem rima, suficientemente flexível e suficientemente rude para adaptar-se aos impulsos líricos da alma, às modulações dos sonhos, aos saltos e sobressaltos da consciência (...) esse ideal obsessivo, nasceu acima de tudo, da observação das cidades enormes e do cruzamento de suas enormes conexões (Baudelaire; apud Berman, 1992:144).

São as cenas da cidade descritas por Baudelaire, às cenas primordiais modernas, discutidas por Berman e que pela sua ressonância e profundidade mítica, são impelidas para além do seu tempo e do seu lugar.

### **Cena 2: Os olhos dos pobres (Spleen de Paris, nº 26)**

Ah! Você quer saber por que hoje a odeio (...) sem dúvida lhe será menos fácil compreendê-lo do que a mim explicá-lo; pois você é, suponho, o mais belo exemplo de impermeabilidade feminina que se possa encontrar.

Havíamos passado juntos um longo dia, que me parecera curto. Tínhamos jurado um ao outro que todos os nossos pensamentos nos seriam comuns, e nossas duas almas, daquele dia em diante, não seriam mais do que uma só: sonho que, além de tudo, nada tem de original, a não ser que, sonhado por todos os homens, ainda não foi realizado por nenhum.

Ao anoitecer, um pouco fatigada, você desejou sentar-se diante de um café novo, na esquina de um novo bulevar que, ainda cheio de entulhos (detritos), já ostentava glorioso os seus esplendores inacabados. O café resplandecia. O próprio gás mostrava ali todo calor de uma estréia (início), e alumiava com todas as forças as paredes de uma brancura cegante, as toalhas (extensões) rutilantes (deslumbrantes) dos espelhos, os ouros dos astrágulos (molduras) e das cornijas, os pajens de faces rechonchudas levados de rastros pelos cães atrelados, as damas rindo ao falcão encarapitado (empoleirado) em seus punhos, as ninfas e deusas trazendo à cabeça frutas, pastéis e caças, as Hebes e os Ganimedes apresentando, de braço estendido, a pequena ânfora de “bavoroises” (licores) ou o obelisco bicolor de

sorvetes mistos: toda história e toda mitologia postas a serviço da gula.

Na calçada, diante de nós, víamos plantado um pobre homem de uns quarenta anos, de rosto fatigado, barba meio grisalha, que segurava por uma das mãos um menino e trazia no outro braço um pequenino ser ainda frágil, incapaz de caminhar. Servindo de ama, fazia os filhos respirarem o ar da noite. Todos em trapos. Eram três fisionomias extraordinariamente sérias, e seis olhos que contemplavam o novo café com admiração igual, mas diversamente colorida pela idade.

Os olhos do pai diziam: “Como é belo! Como é belo! Dirse-ia que todo o ouro do pobre mundo foi transportado para estas paredes. Os olhos do menino: “Como é belo”! Como é belo! Mas é uma casa onde só podem entrar as pessoas que não são como nós”. Os olhos do menorzinho, esses de tão fascinados, revelavam apenas uma alegria estúpida e profunda.

Dizem os cancionistas que o prazer torna a alma boa e abranda o coração. Em relação a mim, tinham razão as canções, naquela noite. Eu não só me sentia enternecido com essa família de olhos, senão também um pouco envergonhado de nossos copos e nossas garrafas, maiores que nossa sede. Voltava meus olhares para os seus, querido amor, neles procurando ler o meu pensamento; mergulhava nos seus olhos tão belos e tão estranhamente doces, nos seus olhos verdes habitados pelo Capricho e inspirados pela Lua, quando você me disse:

“Que gente insuportável aquela, com uns olhos escancarados como portas-cocheiras! Você não poderia pedir ao dono do café que os afastasse daqui”?

Tanto é difícil entender-se as criaturas, meu anjo querido, e tão incomunicável é o pensamento, mesmo entre aqueles que se amam!  
(Baudelaire, 1868/1977:70-1)

O Poema, assim como o Sonho, comporta vários níveis de interpretação (Freud, 1900/1980). Aqui se aplicam os sentidos metafóricos (condensação) e metonímicos (deslocamento), fundamentais para compreender essa interdependência entre a pessoa e o seu ambiente, e suas consequências na constituição do sujeito. Frente às transformações da cidade, a mulher, a amada, desejou daquela vez alguma coisa mais do que juras de amor, promessas de realização e completude, até então nunca alcançadas. Ao anoitecer, fatigada, desejou estar na rua, sentar-se no café, em uma das esquinas do “novo bulevar”.

O “novo bulevar” parisiense foi a mais peculiar criação urbana do século. XIX, com suas avenidas largas e vias secundárias, funcionando como

verdadeiro sistema circulatório da cidade, permitindo ao tráfico fluir pelo centro urbano, deslocando-se em linha reta, de um extremo a outro da cidade. Um empreendimento, até então inimaginável, um ponto de partida para a modernização da cidade tradicional. Além disso, os bulevares eliminaram bairros de habitações miseráveis, abrindo espaços para a expansão de negócios locais, dentro de um sistema de planejamento urbano que incluía mercados centrais, pontes, esgotos, fornecimento de água, uma grande rede de parques, a Ópera e outros monumentos culturais. Esse planejamento urbanístico gerou emprego para milhares de trabalhadores. Era o início da urbanização em grande escala, exercendo um fascínio em seus moradores, pois franqueou a cidade, pela primeira vez em sua história, a todos.

O Projeto Hausmann (1890) foi consagrado como modelo de urbanismo moderno, e, logo, passou a ser reproduzido em cidades de crescimento emergente em todos os lugares do mundo. Para os casais, o café no bulevar criou um espaço privado em público, na rua, onde era permitida a dedicação à própria intimidade, sem que estivessem fisicamente a sós. O exibicionismo amoroso, propiciado pelos cafés nos bulevares, tornaria Paris mundialmente famosa. Nesse ambiente a realidade tornava-se mágica e sonhadora, a alegria brotando diretamente da modernização do espaço público urbano. *“Baudelaire nos mostra um novo mundo, privado e público, no instante exato em que esse surge. Desse momento em diante, o bulevar será tão importante como a alcova na consecução do amor moderno”* (Berman, 1992:148).

A modernização da cidade trouxe novos sonhos, novos desejos junto da vontade de ocupar o espaço público em todos os sentidos. Os sonhos das mulheres, até então restritos ao espaço doméstico, transformavam-se, gerando conflitos, exigindo mudanças, trazendo novas complicações.

No poema — “no meio do sonho” — uma cena reprimida se interpõe, uma nova descoberta: ao lado do brilho estão os detritos, *“(…) um novo bulevar, ainda cheio de entulho. Ao lado do brilho os entulhos, as ruínas dos velhos bairros pobres.”* Os pobres, a família de farrapos, saem detrás dos entulhos, colocando-se no centro da cena. Eles também querem um lugar na

luz. Os bulevares permitiram também à família de pobres a caminhar através da cidade. À medida que veem, também são vistos. Sob a luz ofuscante da rua, não há como escapar do olhar. A luz ilumina os *detritos*, iluminando a vida sombria das pessoas.

Engels ao comentar, no panfleto “Contribuição ao problema da habitação” de 1872, o modelo de urbanização de Haussmann, reafirma que o resultado é o mesmo em toda parte,” *os becos e alamedas mais comprometedores desaparecem, para dar lugar à autoglorificação da burguesia como crédito de seu tremendo sucesso – mas reaparecem logo adiante, muitas vezes no bairro adjacente*” (Marx e Engels; apud Berman, 1992:149). Malsucedida a metáfora da modernidade, restam seus detritos metonímicos.

Junto da luz ofuscante, caminha a sombra da cidade. Com os bulevares a miséria, que era um mistério, aquém do olhar público, passa a ser um fato. Como os amantes poderiam olhar os pobres em farrapos, considerando que a sua felicidade pessoal surge como um privilégio de classe? A poética de Baudelaire expressa um outro dado da cidade moderna, a manifestação das divisões de classe implicando em divisões subjetivas no cidadão moderno. O bulevar força os cidadãos a uma reação política.

Berman alude, na cena da família de olhos, ao abismo entre o progresso/riqueza e a pobreza, evidenciando o confronto das diferenças de classe. A pobreza olha a riqueza e vê aquilo que não pode ter. O que a pobreza ainda não sabe, é que o espaço do café recém-criado, pela primeira vez, dá a ela visibilidade. Os olhos da família de pobres, no café, provocam em seus frequentadores antagônicas reações: de um lado, o sentimento (burguês) pela igualdade de condições, o (nobre) sofrimento pelos “despossuídos” e, de outro, uma reação (porque atitude irrefletida) frente à ameaça de não poder usufruir das belezas da modernidade. Daí é que surge o desejo (desprezível) de negar as relações com os pobres, de colocá-los fora da visão e do espírito moderno. A cena mostra como atuam as contradições da época e como estas ressoam na subjetividade do homem nas ruas. A resposta do homem no café, sentindo-se culpado em meio à felicidade, “*irmanado àqueles que a podem ver, porém não*

*podem desfrutar dela, sentimentalmente deseja torná-los parte da família”* (Berman 1992:149) incrementará a posição política da esquerda liberal, enquanto a fala da mulher — naquele instante — expressaria a posição da direita:” *nós temos algo que eles querem; logo é melhor chamar alguém que tenha poder de nos tornar livres deles”* (Berman, 1992:149).

Há, no primeiro plano da fala, uma radical oposição ideológica e política, que passou a ser concretizada nos anos subsequentes. Porém, em outro plano, a divisão não acontece só entre o narrador e a amada, mas dentro do próprio homem. Como comenta Berman, talvez ele também tenha odiado essa mulher, porque os olhos dela revelaram uma parte de si mesmo que ele se recusava a enfrentar. Não há como abrigar os pobres dentro de uma família, e nem se livrar deles por muito tempo. Os bulevares trouxeram à luz algumas feridas - sociais e pessoais - que permanecem sem solução, desde há muito tempo.

A modernização da cidade estimulou, nos homens e mulheres, o desejo de conquistar o espaço público. As luzes da cidade mostraram feridas que até então estavam restritas à esfera privada, em casa, na família<sup>9</sup>. Seguindo um outro plano metafórico, do que está presente e não é dito: as mulheres da família de olhos não saíram para caminhar na rua, ainda que com uma criança de colo, sua presença esta implícita em sua ausência “(...) *o pobre homem servindo de ama, fazia os filhos respirarem o ar da noite*”, referindo-se dessa forma à ausência da mulher naquele passeio mágico. Mulher excluída duplamente, por ser pobre e por ser mulher? Será essa exclusão (a da mulher que não é pobre) uma razão para a aparentemente cruel reação da amada?

A família de olhos evidencia, para além da diferença de classes, as diferenças com relação ao papel da mulher na sociedade e na família. Ela, a amada, embora extasiada com as transformações do espaço público, ainda assim intuía que ali não havia lugar para ela? Após passar o dia sonhando com as juras de um amor que a completasse “*duas almas (...) não seriam mais que uma só ela desejou participar de outros sonhos, (...) sentar-se diante do café*

---

<sup>9 9</sup> A suspensão relativa entre privado e o público.

*novo, na esquina de um novo bulevar”*, das transformações que se iniciavam no cenário da cidade. Os olhos escancarados em diferentes matizes, entretanto, escancaravam (inclusive) a exclusão da mulher.

A exclusão exaustivamente combatida pelas mulheres que aderiram ao movimento feminino e feminista no tão próximo século XX. Futura resposta à reação da mulher no bulevar, defensiva, antecipatória dos conflitos femininos que dariam, em breve, a mola da criação clínica e teórica da Psicanálise por Freud “(...) *que gente insuportável. Você não poderia pedir ao dono do café que os afastasse daqui?*”. Cena moderna primordial, da exclusão, da cisão subjetiva, da repressão, datada (e descrita) por Freud como uma estrutura histérica. No poema, o narrador-homem dá a si próprio a permissão para expressar a sua experiência na cena. À mulher-narrada é reservado o papel passivo, o lugar da frieza e do capricho. Da incomunicabilidade entre si e o seu desejo, entre ela, mulher, e ele, o homem.

A medicina herda da religião o papel de guardião da exclusão e encobrimento dos detritos, fazendo do corpo uma entidade que passa a ser cindida e coisificada. O pensamento biomédico (Cardaci e Alvarez, 1980) do final do século XIX proporcionou duas visões distintas das mulheres, a fim de atender ao contexto sociocultural que se delineava: uma perspectiva para as mulheres burguesas. Essas, que eram vistas e conseqüentemente percebidas por si mesmas como enfermas, muitas vezes inválidas ou demasiadamente frágeis para conquistar o espaço público. Mas nem por isso, elas deixavam de aspirar a um estilo de vida livre e autônomo.

E uma outra visão, para as mulheres da classe trabalhadora. Essas foram consideradas, pelo modelo médico da época, como pessoas sadias e robustas por definição. (Enrenreich e English, 1976/1980), dedicando-se decididamente ao trabalho, embora suas precárias condições de vida. As mulheres pobres, operárias, mais vulneráveis a infecções e doenças contagiosas devido a péssimas condições sanitárias, quando adoeciam –com alta frequência –eram excluídas e discriminadas como perigosas (contagiosas).

A visão médica era a expressão da ideologia de um corpo racionalizado e objetivado. A noção de corpo saudável, útil, disciplinado no

trabalho, fortalecia-se com o auxílio do modelo médico, enquanto se elaborava a construção da “fragilidade” do corpo feminino (Foucault, 1982; Cardaci e Alvarez, 1980; Enrenreich e English, 1976/1980).

A contribuição do modelo médico (de saúde) para a contínua construção do corpo disciplinado e saudável no trabalho é claramente demonstrada em um episódio ocorrido, recentemente (1996), com uma pessoa portadora de DORT's, envolvendo seu psicoterapeuta, seu médico e o gerente da empresa em que trabalhava: estamos frente à transcendência da cena baudelairiana:

Karen é uma mulher de 35 anos, afastada do trabalho durante aproximadamente dois anos devido ao diagnóstico de DORT's. Finalmente recuperada, retorna ao trabalho, colocada em função diferente daquela que exercia antes do seu adoecimento. Funcionária dedicada, empenhando-se no sucesso de seu processo de readaptação à empresa, depois de alguns meses, volta a ser elogiada por seu desempenho profissional, cumprindo com destaque as metas de produtividade de seu novo setor de trabalho. Neste contexto, a política da empresa é alterada, o objetivo é o de aumentar os lucros, “enxugando” o que a administração considerasse “desperdício”. Novas diretrizes funcionais da máquina produtiva são implantadas, coagindo cada funcionário ao incremento de sua produtividade, com a finalidade de diminuir o número de pessoas em cada setor da empresa. A óbvia estratégia é aquela de, no futuro, transferir funcionários para o escritório da empresa em outro Estado e/ou demitir funcionários “excedentes”.

As novas diretrizes, associadas à probabilidade de futura exclusão, acabaram por instalar no corpo de funcionários da empresa um clima de angústia e ansiedade, provocando em todos os funcionários grande sofrimento psíquico, manifestado individualmente em variadas formas e criando estratégias defensivas frente às novas exigências físicas e psíquicas impostas pela organização de trabalho na empresa. Nessa contingência, Karen passa a sentir uma dor muito intensa durante o horário de trabalho, reiniciando-se um processo inflamatório na região afetada pelos DORT's, mesmo sem estar, naquele momento, executando atividades com predomínio de esforço

repetitivo. O processo agudo de dor e sofrimento, vivenciado por esta funcionária, é prontamente pontuado durante o tratamento analítico, e detectado no exame clínico, realizado pelo seu médico. Ambos, médico e psicoterapeuta, enviam à empresa laudos técnicos, solicitando o afastamento de Karen de suas atividades laborativas por alguns dias, com a finalidade de prevenir um agravamento do seu quadro de DORT's.

Estas intervenções repercutiram na empresa de forma inusitada. O gerente, recusando-se a aceitar a avaliação dos profissionais envolvidos, telefona a cada um deles questionando os pareceres emitidos. Mostrando-se indignado com a manutenção do parecer de ambos, ele diz à psicoterapeuta: *“(...) se ela estava doente, voltando ao trabalho sem estar completamente curada, não devia estar trabalhando, devia ficar afastada até estar totalmente saudável para o trabalho”* (SIC) <sup>10</sup>.

A configuração das causas relacionadas ao trabalho do quadro agudo de dor, bem como as suas expressões no corpo, através do início de um processo inflamatório, demonstraram-se insuportáveis para esse gerente, já que colocavam em evidência os “detritos” que acompanhavam as novas diretrizes da empresa. Naquele momento e naquele contexto, a reincidência dos DORT's em Karen dizia que existem pessoas, sujeitos, com corpos que sofrem e adoecem no trabalho. Finalmente, a doença foi vista pelo gerente como indisciplina a ser corrigida e solucionada pelos profissionais de saúde.

Cem anos antes, o diagnóstico epidêmico de histeria denunciava outras ocorrências, também expressadas através do corpo.

Com la histeria se llevó el culto de la invalidez feminina a su conclusión lógica. La sociedad había condenado a las mujeres de dinero a una vida de encierro e inactividade, y la medicina había justificado esta actitud arguyendo que las mujeres eran sujetos enfermos innatos. Com la epidemia de histeria, las mujeres aceptaban su papel de “enfermas” pero mismo tiempo estaban rebelándose contra esse intolerable rol social. La enfermedad, que habia sido una forma de vida se transformaba en rebelión y los tratamientos médicos, que siempre habían tenido contenido coercitivo, comenzaban a manifestar-se como franca y abiertamente represivos (Enrenreich e English; 1976/1980:53).

---

<sup>10</sup> Conforme registros de casos clínicos

A epidemia de histeria do final do século XIX, devido ao grande número de casos, mais do que um “sintoma feminino”, a solicitar um competente manejo médico, constituiu-se como uma metáfora histórico-sócio-cultural, a exigir, em seu tratamento, uma aproximação profissional diferenciada na relação com o discurso feminino.

Os obstáculos epistemológicos à compreensão do humano, originários de uma tradição racionalista na ciência do século XIX, serão ultrapassados, no século XX, pelo surgimento do humanismo nas ciências, influenciado pelas ideias de pensadores como Kierkegaard, Nietzsche, Buber, Husserl e sua proposta de uma Filosofia Moderna, voltada para uma “retomada da ontologia do ser”. Às Ciências Humanas, então foi possível demonstrar que os fenômenos humanos são dotados de sentido e significação, são históricos e possuem “leis próprias” (Chauí, 1999). Como fez a Psicanálise em relação às “patologias psíquicas” tratadas pela medicina.

### **Cena do ritmo do tráfego moderno: a perda do halo**

Assim como Marx, Baudelaire considerava a dessacralização uma das principais e das mais peculiares experiências da vida moderna. Marx localiza essa experiência no contexto histórico mundial: “A burguesia despiu toda atividade humana até aqui honrada e encarada com reverente respeito. Transformou o médico, o advogado, o padre, o poeta, o homem de ciência em seus trabalhadores assalariados” (Marx, O Manifesto Comunista; apud Berman, 1992:152).

Baudelaire, por sua vez, mostra como a experiência de dessacralização pode ser subjetivamente vivida. O poema “A Perda do Halo”, também ambientado no bulevar parisiense, revela a confrontação que o ambiente impõe ao sujeito, através de um diálogo entre o poeta e um homem comum, a ser estabelecido em um lugar sinistro, de “má reputação”.

#### **Cena 3: A Perda do Halo** (Spleen de Paris, nº 46)

“— Mas o quê! Você por aqui, meu caro? Você em tão mau lugar! Você, o bebedor de quintessências! Você comedor de ambrosia? Francamente, é de surpreender!”

— Meu caro, você bem conhece meu pavor dos cavalos e das carruagens (carros). Ainda há pouco, quando atravessava a toda pressa o bulevar (avenida), saltitando na lama, através desse caos movediço onde a morte surge a galope de todos os lados a um só tempo, a minha auréola (halo), num movimento precipitado, escorregou-me da cabeça e caiu no lodo do macadame. Não tive coragem de apanhá-la. Julguei menos desagradável perder as minhas insígnias do que ter os ossos reventados. De resto, disse com meus botões, há males que vem para o bem. Agora, posso passear incógnito, praticar ações vis, e entregar-me à crápula, como os simples mortais. E aqui estou igualzinho a você, como está vendo!

— Você deveria ao menos pôr um anúncio, ou comunicar ao comissário.

— Ah! não. Estou bem assim. Só você me reconheceu. Aliás, a dignidade me entedia. Depois, alegre-me pensar que talvez algum mau poeta encontre a auréola (o halo) e com ela impudentemente (desavergonhadamente) se adorne. Fazer alguém feliz, que prazer! E, sobretudo um feliz que me fará rir! Pense no X, ou no Z.! Como será engraçado! (Baudelaire, Pequenos Poemas em Prosa, 1868/1977: 112).

A força que arranca o halo do herói-poeta, conduzindo-o a um novo estado mental, é a força do tráfego moderno. Avenidas amplas e retas, formando vias expressas para o tráfego rápido e pesado, que virão a caracterizar as vias urbanas do século XX e XXI. A vida urbana torna-se mais arriscada, a metáfora do homem moderno é a do pedestre sozinho, lançado no turbilhão do tráfego, lutando contra um aglomerado de massa e energia. O tráfego intenso do bulevar não conhece fronteiras espaciais e temporais, impondo seu ritmo ao ritmo das pessoas. Imposta também a racionalidade, com o objetivo de incrementar o adequado aproveitamento do tempo, maior produção, a aplicação correta da funcionalidade, e o incremento do fluxo entre coisas e pessoas, não considerando quaisquer tipos de obstáculos na condução desses objetivos, acabou por conduzir o sistema social ao caos, de forma que os espaços sociais tornaram-se espiritualmente mortos.

O macadame<sup>11</sup>, tal qual a racionalidade moderna, é a concretude do símbolo que pavimenta a todos, homens e mulheres em diferentes profissões, como dentistas, professores, bancários, operários da linha de produção. Todos

---

<sup>11</sup> **Macadame:** palavra inglesa derivada de Jonh McAdam, de Glasgow, inventor setecentista da moderna superfície de pavimentação (Berman, 1986/1992, p. 156).

são arrastados pelo ritmo e pela força do tráfego moderno, transformando-se em pessoas comuns, *anômicas*, a mercê dos infortúnios capitalistas. Apesar do persistente trabalho de Freud, no início do século, pela desmistificação da crença em uma racionalidade pura (consciência), foi nessa racionalidade que se colocou a polis.

O achatamento – o tráfego sobre o asfalto — da paisagem urbana produziu um achatamento do pensamento social. Berman analisa o pensamento construído sobre a vida moderna, pela via de dois polos antagônicos. De um lado, a racionalidade que acredita que todas as dissonâncias sociais e pessoais da vida moderna podem ser resolvidas por meios de desenvolvimento de tecnologia e por meios administrativos (Marinetti, Le Corbusier, Taylor, Ford). De outro lado, a visão niilista do desespero cultural, onde tudo que é moderno está destinado a produzir escravização e horror.

Ao contrário disso, Baudelaire, apesar da sua perplexidade em relação à situação de anomia do homem moderno, insiste em acreditar que é a partir do lodo que poderá brotar o novo. Assim esse poeta, em sintonia com as vivências dessa época e suas contradições, coloca-se como um modernista imerso nesse lodaçal, incitando-nos à criação de um modernismo revolucionário.

Ao lado dessa racionalidade científica e funcional, destaca-se um dos maiores arquitetos da modernização, Le Corbusier<sup>12</sup>, que propõe, como resultado do processo da cidade funcional moderna, a inteira identificação com “as forças do tráfego” da cidade moderna, por seus habitantes. Agora, em vez de sentir-se ameaçado, ele se sente imerso, crente, participante. O homem na rua se incorpora ao novo poder, tornando-se o homem do carro (Le Corbusier; apud Berman, 1992:161).

Seguindo a mesma perspectiva do efeito da “perda do halo”, tanto os homens quanto as mulheres, estranhos à nova configuração do trabalho, advindos do processo de modernização do século XX, e atual século XXI, tornam-se trabalhadores cada vez mais rápidos, eficientes, verdadeiras

---

<sup>12</sup> Arquiteto francês, **Le Corbusier**, um verdadeiro modernista, desenvolveu projeto sob o tema *A cidade funcional*, publicando seus resultados, pela primeira vez em 1941, com o título *A carta de Atenas*, onde fazia reflexões sob os temas urbanos da modernidade.

máquinas de produzir, ou melhor, engrenagens perfeitas da máquina de produção. Como saída para a *anômia* do homem moderno, Le Corbusier defende a identificação com os ideais dessa modernidade: a incorporação em si do novo poder da máquina, buscando a diferença pela exacerbação do ritmo, do tráfego, do fluxo, anulando desta maneira todas as suas contradições e conflitos. A ideia funcionalista daquele que se autointitulava como o “Arquiteto do Mundo” era “reformatar” a sociedade, reformando os seus espaços de circulação.

A neurose como fato social já é descrita por Freud (1930/1980) em sua obra “O mal estar da civilização” ao falar das similaridades do desenvolvimento da civilização com o desenvolvimento humano

Com o surgimento da filosofia moderna, ocorre uma radical modificação de paradigma: pode-se duvidar da existência do mundo, da existência de Deus, mas não se pode perder a certeza do cogito, da consciência, ficando a subjetividade identificada com a consciência.

Com o conceito de inconsciente (Freud, 1900/ 1980) a Psicanálise destrona a razão e a consciência do lugar sagrado onde se encontravam até então. A noção de inconsciente implica numa clivagem (divisão) da subjetividade que, deixando de ser identificada somente com a consciência, se liberta do domínio exclusivo da razão. A razão consistiria em um efeito de superfície entre os sistemas consciente e inconsciente, que dominam o psiquismo. A partir desta elaboração sobre a subjetividade, a Psicanálise se consolida como uma teoria e uma prática que buscam falar do homem enquanto ser singular. No lugar de sujeito da verdade a Psicanálise – que não é filosofia — vai se ocupar da verdade do sujeito, privilegiando o lugar do desejo<sup>13</sup>, subvertendo o cartesianismo e a racionalidade pura operatória. Ainda

---

<sup>13</sup> O termo **desejo** é utilizado na teoria do inconsciente, para designar a propensão a realização ou a satisfação de um anseio inconsciente (Freud, vol VII, 1980). Lacan, ao conceituar a idéia de desejo em Psicanálise, a partir da tradição filosófica, estabelece um elo entre o desejo baseado no reconhecimento (ou o desejo do outro) e o desejo inconsciente (realização no sentido freudiano). Lacan diferencia, mais do que Freud o fizera, o desejo da necessidade. Na concepção lacaniana, o desejo é o desejo de um desejo, é a

assim, enquanto sistema teórico, nem mesmo a Psicanálise escapa da sedução de querer outorgar ao psiquismo e ao inconsciente uma lógica, uma racionalidade até certo ponto funcional.

Lacan (1998) introduz o termo sujeito (da filosofia) na psicanálise, ao compreendê-lo como dividido, que o conduz a uma fenda entre o dizer e o ser, entre o sujeito do enunciado (onde eu falo/consciente) e o sujeito da enunciação (onde sou falado/inconsciente). Ele não é sujeito no inconsciente, ele é pulsação, “está na fenda”, onde existe uma abertura em que algo de não-sabido, de inconsciente, é apreendido pela consciência, fechando-se no mesmo instante em que se abre. O sujeito do inconsciente não é substancial, é falta em-ser, é um eclipse que se manifesta no equívoco. Para ter sentido, para dizer quem ele é (construção de identidade), ao longo da sua vida o sujeito vai buscar, movido pelo desejo, identificar-se a traços (significantes) que vem do Outro, ofertados pela cultura.

### **Considerações finais**

Na atualidade, o trabalhador fascinado pelos signos da modernidade, descrito com maestria por Baudelaire, tem seu desejo e sua subjetividade capturados pelos ideais de progresso, produtividade, eficiência e ritmo intenso.

Como afirma Dejours (1999) o desejo articulado ao trabalho, assume a forma de desejo de reconhecimento na busca de condições de satisfação, auto realização e identidade, fazendo o sujeito construir, eroticamente laços sociais da intersubjetividade. Porém, o reconhecimento do fazer, do trabalhar e reconhecimento de identidade no trabalho envolve o julgamento do outro. Quando a pessoa é reconhecida (=valorizada) pelo seu fazer e por atender às expectativas da organização (chefia, colegas, clientes) – em seu ritmo de trabalho ou através de uma atitude profissional perfeccionista –, esse modo de relação com o trabalho acaba se tornando, para ela, um valor.

---

hiância entre a necessidade e a demanda expressada através de significantes (Roudinesco e Plon, 1998).

E esse valor pode constituir-se como um traço, passando a integrar a sua identidade.

As máquinas, bem como os ideais de eficiência e produtividade presente na ideologia empresarial fascinam, capturando o sujeito, deslocando seu desejo conforme o ritmo de trabalho exigido e imposto pela empresa — como uma correnteza—, levando seu interesse, sua motivação, a noção de limite do seu próprio corpo e de seu fazer.

As organizações na modernidade carregam organização, incluindo o controle e a regularização das relações sociais através das distâncias indefinidas de tempo e espaço. O ritmo altera a forma dos laços sociais e do funcionamento psíquico das pessoas.

Retomando. Como afirmou Freud, a civilização se constrói através da proibição, da lei que organiza o social. Nesse pacto social, o sujeito renuncia à busca da satisfação impulsiva sem limites, substituindo-a por satisfações ofertadas pela cultura. Do valor dos substitutos oferecidos aos membros da coletividade depende o sucesso do processo de socialização. Não podemos esquecer que o desejo vai estar sempre presente e articulando-se ao fazer humano, e conseqüentemente ao trabalho. A negação da subjetividade articulada ao desejo, nas cidades, nos locais de trabalho, na vida dos cidadãos, constitui, através de seus efeitos (como os DORT's), uma das grandes feridas narcísicas ou um dos detritos que a presente vida em sociedade tem que dar conta.

A psicanálise demonstrou que o corpo e o ambiente são continuamente construídos e apreendidos pela subjetividade, já que a atividade humana, por excelência, é uma atividade simbólica, implicando na criação de sentidos. A subjetividade, invariavelmente, é intersubjetividade, pois é construída na relação com o Outro, na cultura. Nunca é demais lembrar: o desejo é o desejo de um outro. *“Na saúde e na doença”, conclui-se, é do humano significar.*

## Referências

- ANTUNES, R. (2000). Material e imaterial. In: Caderno MAIS! Folha de São Paulo. São Paulo: 13 de Agosto de 2000.
- BAUDELAIRE, Charles.(1976) Pequenos poemas em prosa. Trad. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BERMAN, M. (1992). Tudo que é sólido desmancha no ar – a aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Cia das Letras.
- \_\_\_\_\_ (2001). Aventuras no marxismo. Trad. Sonia Moreira. São Paulo: Cia das Letras.
- CARDACI, D e ALVAREZ, L.K. (1980) Mujeres y medicina: de cómo fuimos perdiendo nuestros cuerpos. Núcleo de investigación y desarrollo en educación y salud. Xochimilci: casa abierta al tempo, Universidad Autónoma metropolitana.
- CHAUÍ, M. (1999). Convite à filosofia. São Paulo: Ática.
- Dejours, C \_\_\_\_\_ *Conferências brasileiras – identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho*. Fundap: EAESP/FG, 1999b.
- ENRENREICH, B e ENGLISH;D (1976/1980) “Invalidas” o “contagiosas” In Mujeres y medicina Me: sexismo en el saber y la práctica médica In CARDACI, D e ALVAREZ, L.K.(1980) Mujeres y medicina: de cómo fuimos perdiendo nuestros cuerpos. Núcleo de investigación y desarrollo en educación y salud. Xochimilci: casa abierta al tempo, Universidad Autónoma metropolitana.
- FOUCAULT, M. (1982). História da sexualidade 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal.
- \_\_\_\_\_. (1983). Vigiar e punir: História da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes.
- FREUD, S. (1980) A interpretação dos sonhos. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud — V. IV/V. Rio de Janeiro: Imago. Original publicado em 1900.
- \_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud — V. VII. Rio de Janeiro: Imago. Original publicado em 1905.

- \_\_\_\_\_. Mal-estar na civilização. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud — V. XXI. Rio de Janeiro: Imago. Original publicado em 1930.
- HERZLICH, C. & PIERRET, J. (1991). Uma doença no espaço público: a AIDS em seis jornais franceses. *Physis Revista de Saúde Coletiva*. V. 2. n.º 1.
- HOBSBAWM, E. (1995) Era dos extremos: o breve século XX :1914 –1991. São Paulo: Companhia das Letras.
- LACAN, J. (1998) Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- MARTINS, S. (2002) A Histeria e os DORTs: expressões do sofrimento psíquico de uma época. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- MCLUHAM (1962/1972). H. M A galáxia de Gutember., São Paulo: Cia Editora Nacional – Editora da USP.
- PIRES, D. (1998). Reestruturação produtiva e trabalho em saúde no Brasil. Confederação Nacional dos Trabalhadores em Seguridade Social – CUT São Paulo: Annablume.
- ROUDINESCO, E. (1989). História da psicanálise na França – a batalha dos 100 anos. V. I: 1885-1939. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- SELLIGMANN-SILVA, E. (1994). Desgaste mental no trabalho dominado. Rio de Janeiro: UFRJ; Cortez.
- SUNDSTROM, E.; BELL, P. A.; BUSBY, P. L.; ASMUS, C. (1996) Environmental Psychology (1989-1994). *Annual Review of Psychology*. nº 47. p. 485-512

**Recebido em 20/4/2012.**

**Aceito em 25/6/2012.**